



Artigo:

Lancinante travessia: uma análise do poema “Quando for preciso”

A harrowing journey: an analysis of the poem "Quando for preciso"

Un viaje desgarrador: un análisis del poema "Quando for preciso"

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.18086840>

Ariel Montes Lima

Universidade Federal de Mato Grosso

Resumo

O presente artigo busca analisar o poema “Quando for preciso” de Matheus Fernando Gomes de Azevedo, publicado em setembro de 2023 na Revista Ikebana. A metodologia empregada foi a análise de corpus, baseada na revisão de literatura específica. Os principais eixos teóricos adotados são: a análise do discurso de linha russa, a teoria estrutural e topográfica do aparelho psíquico e a filosofia da linguagem. Como resultados, pudemos observar uma riqueza estética complexa imbuída na estrutura e conteúdo do poema: o que evidencia seu valor literário enquanto uma produção contemporânea brasileira.

Palavras-chaves: Literatura Brasileira. Crítica Literária. Literatura Contemporânea. Disputa.



Abstract

This article aims to analyze the poem "Quando for preciso" by Matheus Fernando Gomes de Azevedo, published in September 2023 in the Ikebana Magazine. The methodology employed was corpus analysis, based on a review of specific literature. The main theoretical axes adopted are: Russian-style discourse analysis, the structural and topographical theory of the psychic apparatus, and the philosophy of language. As a result, we were able to observe a complex aesthetic richness imbued in the structure and content of the poem: which highlights its literary value as a contemporary Brazilian production.

Keywords: Brazilian Literature. Literary Criticism. Contemporary Literature. Dispute.

Resumen

Este artículo analiza el poema "Quando for preciso" de Matheus Fernando Gomes de Azevedo, publicado en septiembre de 2023 en la revista Ikebana. La metodología empleada fue el análisis de corpus, basado en una revisión de literatura específica. Los principales ejes teóricos adoptados son: el análisis del discurso al estilo ruso, la teoría estructural y topográfica del aparato psíquico y la filosofía del lenguaje. Como resultado, pudimos observar una compleja riqueza estética impregnada en la estructura y el contenido del poema, lo que resalta su valor literario como producción brasileña contemporánea.

Palabras clave: Literatura brasileña. Crítica literaria. Literatura contemporánea. Disputa.



INTRODUÇÃO

Não parecem restar dúvidas de que a literatura brasileira contemporânea é um terreno de disputas. Sobretudo, encontram-se no “campo de batalha” diferentes posições *a priori* meramente *estéticas*. Contudo, se vistas mais detidamente, essas se revelam querelas *políticas* e, sobretudo, *econômicas*. Esse jogo dialógico -com efeito- está em associação direta com a herança histórica do que foi (e segue sendo) atribuído como “boa literatura” no país. (DALCASTAGNÈ, 2017).

Essa celeuma, ao que assevera Dalcastagnè (2012, p. 13), evidencia que:

[...] o que está em jogo é a possibilidade de dizer sobre si e sobre o mundo, de se fazer visível dentro dele. Hoje, cada vez mais, autores e críticos se movimentam na cena literária em busca de espaço – e de poder, o poder de falar com legitimidade ou de legitimar aquele que fala. Daí os ruídos e o desconforto causados pela presença de novas vozes, vozes “não autorizadas”; pela abertura de novas abordagens e enquadramentos para se pensar a literatura; ou, ainda, pelo debate da especificidade do literário, em relação a outros modos de discurso, e das questões éticas suscitadas por esta especificidade.

Diante disso, o presente ensaio pretende apresentar a análise de um poema contemporâneo, de autoria de Azevedo (2023) -pseudônimo Mathenovê-, publicado em setembro de 2023 na Revista Ikebana.

Meus objetivos são: 1) destacar o modo como os recursos estéticos são movimentados materialmente no texto com vistas a criar determinados efeitos de sentido; 2) perscrutar possíveis acepções de leitura e interpretação para o leitor médio; 3) evidenciar a necessidade do olhar sincrônico para a literatura produzida em terras brasileiras e suas tendências e, finalmente, 4) questionar a posição de cânon e suas arbitrariedades intrínsecas por meio da publicização do estudo de um poeta contemporâneo.



Como justificativa desse trabalho, chamo a atenção para o fato de que há uma certa urgência social, política, étnica e, sobretudo, cultural para uma expansão do olhar acadêmico acerca da literatura. É dizer: a noção de que apenas o cânon mereça destaque na cena intelectual é um processo de exclusão explícita das vozes marginalizadas, aqui postas em um não-lugar: à margem da mesma “boa literatura”.

Deve se dizer ainda que tal literatura canônica é caracterizada por provir –salvo algumas exceções– de um meio branco, cis-heterossexual, masculino e geograficamente localizado. É dizer: as vozes de destaque, embora hoje estejam em disputa, seguem sendo majoritariamente as mesmas vozes do grupo que, socio-historicamente, sempre deteve o poder na *terra brasilis*. Portanto, o movimento aqui empreendido de dar destaque a uma voz jovem de um poeta nordestino cuja poesia tem sido veiculada em um suporte totalmente fora do “eixo cultural” do país (sul-sudeste) é, por si mesmo, um ato de rebeldia.

Rompendo propositalmente uma convenção desse gênero, aproveito ainda para assinalar que o fazer científico, como uma produção intrinsecamente humana, é ideológico. Logo, também essa escolha cumpre a uma função: aqui, mais claramente, me refiro ao 4º objetivo acima citado. Além disso, por esse mesmo motivo, opto por uma forma menos “empoeirada” de linguagem no correr desse texto: algo justificado pelos propósitos aqui colocados.

DESENVOLVIMENTO

Esta seção está dividida em três partes. Na primeira, apresento o objeto de estudo, seu local de publicação e seu autor. Em seguida, está colocada a análise formal do poema, na qual foram analisados os elementos líricos, como: rima, métrica, figuras de estilo e linguagem, bem como atmosfera, ambientação e temática. Por fim, realizo a leitura meta-formal, na qual



proponho uma linha interpretativa do conteúdo subjacente. É dizer: não me detendo propriamente nos elementos movimentados na construção do sentido, mas no próprio sentido construído a partir dos elementos.

CONTEXTUALIZAÇÃO E APRESENTAÇÃO DO *Corpus*

O poema aqui estudado foi publicado em setembro de 2023 na Coluna Transubstanciação da Paisagem Poética, assinada pelo poeta pernambucano Matheus Fernando Gomes de Azevedo (artisticamente, Mathenovê) e pertencente à Revista Ikebana. A coluna de Mathenovê é mensal, sendo publicada a cada dia 05.

A revista em questão possui seu *locus* na cidade de Cuiabá -capital mato-grossense-. Fundada em 2020 *pelu scrittore* Ariel Von Ocker, essa encontra-se hoje indexada no Google Acadêmico, tendo, também, uma página na plataforma Medium. Na primeira plataforma, são postados os textos referentes às edições numeradas da dita revista. Já na segunda, estão disponíveis as publicações referentes ao trabalho das pessoas colunistas que participam do projeto.

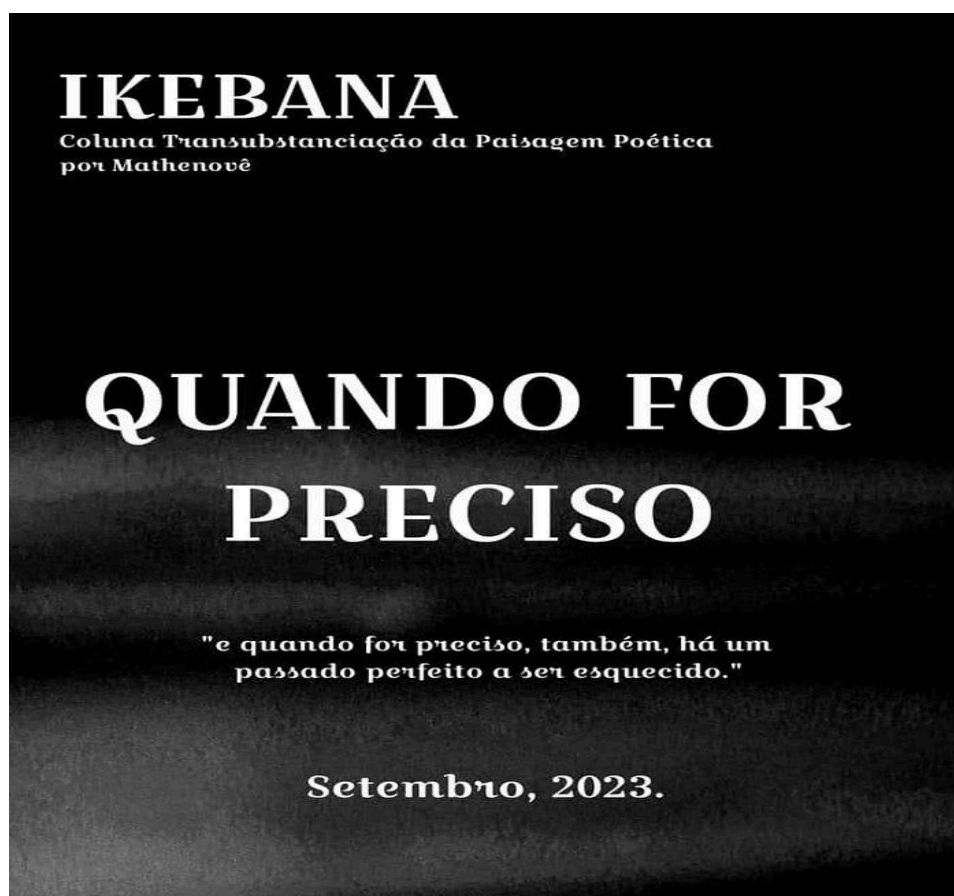
O autor do poema,

Matheus Fernando Gomes de Azevedo (Mathenovê), é artista visual, escritor, professor estagiário, mercadólogo, pesquisador iniciante, estudante de enfermagem e de administração. É colunista das revistas *Brasilis* e *Ikebana*. Em 2019 criou o projeto “Escrito&Descrito” para divulgar seus trabalhos artísticos de pintura, escrita, fotografia e escultura. Com publicações nas revistas, *Clandestina*, *Brasilis*, *Grifo*, *Ikebana*, *Sucuru* e *Fruta Bruta*, o artista procura explorar filosofias cotidianas e psicanalíticas, mesclando lirismo e surrealismo em suas produções. (AZEVEDO, 2023).

Abaixo se reproduz a capa da coluna:



Imagem 01- Capa da Coluna Transubstanciação da Paisagem Poética- Setembro de 2023



(AZEVEDO, 2023)

A respeito, especificamente, do poema, abaixo o reproduzimos em sua integralidade:

Quando For Preciso

Há 01
uma
hora
que
para. 05

Há
senão
palavras
que param.

[passos, 10
histórias,



trilhas,
vidas.]

Tudo para
e fica, 15
ficará.

Ficam,
Ficariam,
talvez (palavra corrompida pelo passado), 20
em pequenas heranças,
em pequenas memórias,
em pequenas palavras
sim (um sim em sequência do não)
em sequência do eu. 25

Ficar-se-iam em um passado
perto
um passado parado.

Um passado
a ser lembrado 30
quando for preciso.
e quando for preciso,

também,
Há um passado perfeito
a ser esquecido 35

Saliento ainda que, para fins de análise, a edição acima reproduzida incluiu a contagem de versos no texto.

ANÁLISE FORMAL

O poema está dividido em oito estrofes de diferentes números de versos. De uma forma geral, a métrica aqui usada é, do mesmo modo, irregular. Tal descontinuidade contribui para a percepção a liberdade criativa do texto, enfatizando a fluidez da experiência de passagem do tempo.

Não há um padrão de rimas definido, ainda que essas se apresentem de maneira esporádica, como dos v. 01-03, em que há a rima assonante com o fonema /a/. É possível notar, de igual maneira, a relação entre os v. 01 e 03, que



formam a rima interpolada com a sílaba /ra/. entre os v. 07 e 09, se nota também a rima entre /ão/ e /am/, às quais sucedem as assonantes /as/ repetidas nos v. 11-13.

A assonância permanece na estrofe seguinte, na qual se intercalam /ra/ nos v. 14 e 16 com /a/ no v. 15: algo que evidencia uma possibilidade ambígua de percepção do som. Afinal, também há uma intercalação da tonicidade final da sílaba, que, no v. 14 é a penúltima e, no v.16, a última.

Nos v. 17-18, nota-se uma rima emparelhada, com a repetição do padrão /'i.ãm/, colocado em duas flexões verbais distintas: a primeira no modo indicativo presente; a segundo no pretérito do subjuntivo. Já nos v. 21-23, percebe-se a repetição da assonância /as/; aqui também manifesta com uma intercalação de /as/, /ias/, /as/. Entre os v. 19 e 24 se nota também a similitude entre as sequências sonoras /'i.ãm/ e /ãm/.

Mais adiante, na estrofe seguinte, nota-se a mesma estrutura assonante, agora realizada com a vogal /o/, que nos v. 26 e 28 se manifesta no conjunto /do/ e, no v. 27, como /to/.

A mesma estrutura /do/ é resgatada no primeiro verso na estrofe seguinte, que possui uma rima emparelhada com seu subsequente (v. 30). Ademais, há um paralelismo feito com a expressão “quando for preciso” nos v. 31-32, o que provoca outra rima emparelhada.

A última estrofe, que tem somente 03 versos, possui uma rima assonante final, nos v. 34-35, que aproxima as sequências /to/ e /do/.

A respeito, particularmente, do estilo do escritor, nota-se o emprego de uma linguagem concisa e minimalista, com frases curtas e palavras simples. Esse recurso, parece evidenciar a natureza “crua” que a realidade oferece ao eu-lírico. Realidade essa, ao que se percebe, se revela agreste, seca, como uma atmosfera estéril, que, pouco a pouco, vai minando as memórias de um passado.



A repetição de palavras como "Há," "ficar," e "passado" gera uma determinada cadência no texto. Os léxicos se interpolam com fins a gerar uma sequência decrescente de estabilidade, na qual o que há, fica e o que fica evanesce até tornar-se um passado.

A utilização de parênteses sugere também uma espécie de comentário ou pensamento fora da materialidade explícita. Há como uma dúvida de um eu cindido, que é algo inconsciente também para si mesmo. Esse eu se mostra titubeante e melancólico. Isso é claro no v. 20 em que é "talvez" é chamado, no que se supõe ser um aposto explicativo, "palavra corrompida pelo passado".

É curioso ainda notar que há uma distinção entre os parênteses e os colchetes, que adicionam uma camada polifônica ao tom de solilóquio do poema. Essa interação –como aponta Bakhtin (2010) – é realizada através de um eu-presumido. É dizer: mesmo perante um solilóquio existencial, esse eu-lírico pressupõe um outro-eu com quem interage.

Mais do que isso, contudo, essa fala intimista vem permeada pela voz de outrem. Esse outrem, que parece manifestar-se por vozes do próprio eu-lírico, assume diferentes discursos, que, embora confluam para um mesmo ponto e sejam atravessados pela temática da passagem do tempo, apresentam pontos diferentes para a lírica.

A voz marcada pelos colchetes se mostra, inclusive, menos consciente, se estruturando por meio de estruturas sintaticamente simples, formados apenas por substantivos: "passos, histórias, trilhas, vidas". Poderíamos, destarte, pensar em tal linguagem rudimentar como uma manifestação simbólica da instância Inconsciente. Sobre isso, comenta Freud (2017) ser o Inconsciente uma estrutura do aparelho psíquico. Isto é: uma instância desconhecida do próprio sujeito e que, não obstante, se manifesta através de sua fala, de seus gestos e mesmo dos seus enganos (atos falhos). Vale aqui a citação de Lacan (1988, p.526): "o inconsciente não é o primordial nem o instintivo e, de elementar, conhece apenas os elementos do significante."



Já a voz entre parênteses se apresenta de modo muito mais coerente e articulada e, embora tanto o conteúdo da terceira estrofe e dos v. 20 e 24 represente uma função explicativa, a sintaxe empregada no primeiro momento em comparação com os dois seguintes é, evidentemente, mais simples e menos articulada.

Sobre a representação visual, o poema utiliza imagens simbólicas, como "passos, histórias, trilhas, vidas," para representar elementos da experiência, por si mesma, humana. Isto é, tais imagens evocam a ideia de um ciclo de vida e de eventos que se desenrolam com o tempo. Não só isso, porém. A história e a trilha são elementos particulares do *modus vivendi* humano, tal que dão sentido aos atos mecânicos dos passos e do sentido abstrato da vida. Assim, a fala desse Inconsciente –embora rudimentar– adiciona ao poema uma camada do que é essencialmente comum à humanidade como um todo.

O tema do poema é, como já dito, a passagem do tempo e a memória. Ele sugere que existem memórias que permanecem conosco, mesmo quando tudo evanesce. Isso é algo que reforça a ideia de que o Inconsciente é marcado pelas reminiscências do que segue sendo, apesar de nós. Além disso, a própria expressão "passado perfeito a ser esquecido" nos leva a questionar qual a natureza do que é esquecido. Podemos associar esse ponto à ideia de que as boas memórias estão mais passíveis de evanescência do que as memórias traumáticas, por exemplo.

O tom do poema, que é profundamente contemplativo e cheio de introspecções revela um sujeito repleto de ânsias por conhecer a si próprio, cuja história se dilui num passado suplantado pelo tempo. Isso é mais evidente nos v. 14-16:

Tudo para
e fica, 15
ficará.



O tempo aqui colocado, nessa construção sintática, é paradoxal. Isso porque o emprego dos verbos aqui citados é antitético. Parar e ficar são ambos verbos de imobilidade. Contudo, o uso do futuro em “ficará” mostra uma multidimensionalidade da experiência. Essa, embora fique estancada em uma realidade, está sujeita, em outro plano, a um movimento. Esse movimento pode ser lido como o correr do próprio tempo, que nos alcança, inobstante o deslocamento físico.

Há uma aura ainda de sofrimento sutil imbricado nas nuances refinadas do texto. Isso se revela, sobretudo, nas duas estrofes finais:

Um passado
a ser lembrado 30
quando for preciso.
e quando for preciso,

também,
Há um passado perfeito
a ser esquecido 35

Nesse ponto do poema ocorre uma antítese, que é reforçada pelo paralelismo na repetição de “quando for preciso”. As formas “lembrado” e “esquecido” se opõem claramente. Tal recurso contribui ainda para a visão de uma dupla natureza do passado: um passado que acolhe o sujeito que o relembra e um passado que produz sofrimento.

Embora a díade apresentada pareça simples, não o é, pois, embora seja dúvida, não é dito que são diferentes eventos os que produzem semelhante efeito. Além disso, o carácter intimista da obra deixa claro que o passado é algo individual. Portanto, o mesmo passado que pôde ter sido um momento de alegria, ora rememorado, produz sofrimento no eu que o relembra.

O eu-lírico, entretanto, não evidencia para o leitor seu sofrimento. Esse, antes, é mascarado pela crueza (auto)evidente da realidade. Assim, é como se não fossem necessárias representações ou intermediações entre o que produz



a dor, quem sofre e quem lê. A própria realidade *ut quid est* basta para deixar clara a justificada melancolia de um eu que, simplesmente, pouco pode fazer com a herança que lhe deixaram seus anos de vida, que não apenas lembrar ou esquecer.

ANÁLISE METAFORMAL

O poema, como se defende na seção anterior, possui uma estrutura complexa, ainda que não siga um padrão fixado. Isso pode ser apontado como um elemento de destaque na produção pós-moderna. Afinal, desde a emergência das vanguardas novecentistas e do movimento modernista, a forma estanque vem cedendo lugar à fluidez material do texto poético (BOSI, 1994). Ao contrário do que se poderia pensar, todavia, a ruptura da fixidez não implica uma simplificação da arte poética. Na realidade, esse processo produz, pelo menos para a pessoa pesquisadora de literatura, um acréscimo substancial de esforço necessário à análise da obra.

Em relação a isso, saliento ainda que talvez o título dessa seção não seja, necessariamente, o mais apropriado. É notável que uma análise estritamente *metatextual* não teria lugar dentro de uma análise poética, inclusive porque não se pode escapar à subjacência da língua no processo de processamento da informação (KOCH, 1996). Assim, optei pelo termo *metaformal*, que visa evidenciar que a linha interpretativa aqui traçada não se autonomiza perante a forma material, mas sim se alça a partir dela.

Dito isso, podemos perceber que o poema começa com a informação sobre o término das coisas, algo que se reforça com o uso da estrutura “há” e “para”. Essa primeira parte pode ser interpretada como uma representação da transição experimentada ao longo da vida e do sentimento de exaustão que a progressão de acontecimentos produz no sujeito.

Já a estrofe seguinte propõe uma oposição à anterior, na qual diz o eu-lírico:



Há
senão
palavras
que param.

Aqui é colocado em primeiro plano um outro elemento: a natureza semiótica da existência. É dizer: o eu-lírico duvida da própria experiência subjetiva que é permeada pelas palavras, que intermedeiam sua existência num mundo. Isto é: apenas as palavras param, pois o eu -como dizem Ocker (2022), Wittgenstein (1994) e Benveniste (2006) - é uma construção também colocada na língua e que, por si mesmo, sequer possuiria uma história para silenciar com a transição dos anos.

Essa percepção ratifica a ideia anteriormente citada da polifonia presente no poema, que manifesta uma estrutura *idoica* de um Inconsciente mais primitivo e que, efetivamente, à causa de sua linguagem rudimentar, pode interagir legitimamente com o mundo real, no qual se veem:

[passos, 10
histórias,
trilhas,
vidas.]

Isso também implica assumirmos que a estrutura simplificada e menos artificiosa da instância inconsciente poderia ser justamente o fenômeno que possibilita sua interação real com o mundo, uma vez que estaria liberto das estruturas semióticas complexas e articuladas da linguagem consciente. Evidentemente isso se opõe à noção de sujeito lacaniano, que “acontece a partir do advento do inconsciente que é o resultado da castração” (BACELAR OLIVEIRA, 2012, p. 113).

Essas primeiras estrofes formam o bloco do primeiro mote poético: a evanescência e a exaustão de um sujeito absolutamente pequeno frente à



multitude do tempo e do próprio curso de sua existência. Essa, por sua vez, se manifesta com autonomia suficiente para deixar ao próprio indivíduo com uma notável sensação de melancolia e impotência, como se não fosse mais do que um espectador da própria vida.

O segundo bloco se apresenta com um novo conflito: o titubeio entre o que parte e o que permanece; entre o que se lembra e o que se olvida. Essa ideia se manifesta com maior clareza nos seguintes versos:

Tudo para
e fica, 15
ficará.

Ficam,
Ficariam,
talvez (palavra corrompida pelo passado), 20
em pequenas heranças,
[...]

A mesma ideia de ambiguidade dialética é estendida até o fim, com a particularidade de encerrar-se não com a tradicional síntese platônica fruto de uma ideia A em conflito com uma B. Na verdade, embora a estrofe final dê a entender que o “ideal” seja justamente o balanço entre o que se deve lembrar e o que se deve esquecer, essa mesma percepção vai contra si mesma. Afinal, como já dito, o passado permanece o mesmo, mudando apenas os “olhos” do reminiscente, que, agora, pode escolher as lembranças e, por meio disso, construir seu passado.

Com efeito, nota-se que esse eu-lírico encontra-se em um paradoxo. O que se vê é um sujeito cindido em partes distintas, estando essas, não raramente, em desarmonia. O desejo e o querer se distanciam pela racionalidade, pois nem sempre se quer o desejado e, igualmente, nem sempre



se deseja o que se quer. Assim emos a problemática da memória aqui posta em jogo, pois esse eu, ao mesmo tempo em que compreende a dor, nota que sua compreensão não a diminui.

Sobre esse ponto, embora o poema não aborde diretamente o sofrimento, ele sugere um certo peso nas palavras e nas memórias. A palavra "ficará" sugere que algo está retido ou preso do mesmo modo que a menção de um "passado parado" indica a sensação de estagnação ou de estar preso no passado. Tal sentimento salienta o conflito, pois uma parte do sujeito almeja desvincular-se do passado, fazer-se *outro* para si mesmo. Contudo, ele também compreende a impossibilidade de fazê-lo.

A memória aqui é, do mesmo modo, um item ambíguo ou -melhor dizendo- ambivalente. Isso porque a mesma memória capaz de trazer a tona a alegria das "pequenas heranças" é aquela que traz à tona os bons momentos já eivados pela melancolia. Assim, a própria posição de quem relembra o passado parece ser, intrinsecamente, um lugar de sofrimento.

O tempo, destarte, é uma força subjacente no poema. Ele flui inexoravelmente, e as memórias são retidas no passado. desse modo, a díade do que deve ser lembrado e do que deve ser esquecido reforça a inevitabilidade da transição temporal.

A subjetividade é outro elemento de destaque no texto. O poema é altamente subjetivo, buscando expressar pensamentos e reflexões pessoais do autor.

Em termos temáticos, esse poema busca alçar uma reflexão em torno de um motivo aparentemente universal e, na medida do coerente, parece alcançar certa nota de subjetividade compartilhada. Embora não se possa adotar o termo "universal" como um parâmetro concreto (ORTIZ, 2007), a tratativa de um tema tão humano como a passagem do tempo certamente o aproxima da realização desse intuito.



Em síntese, o sujeito pós-moderno, cuja existência temporalmente circunscrita em um período de vivências fugidias (LIMA, 2023) consegue se identificar com semelhante obra. O carácter de uma silenciosa e plangente melancolia manifesta na travessia da vida (que ora atravessamos e, ora, nos atravessa), aqui, é manifesta com uma clareza quase brutal, que rejeita floreios. A dureza, pois, com que os versos são apresentados assume uma postura quase mimética de uma *razão em busca de*.

O substrato puro da vida não concebe mais do que a solidão do eu. Esse, frente à máquina dissonante do que o atravessa, portanto, busca, sem sucesso, algo fora de si. O *meta-eu*, contudo, é impossível pela própria posição de isolamento egóico do ser humano em meio à teia das conjunturas impostas por si mesmo sobre si. No poema, isso se manifesta nas polifonias conflituosas do sujeito que é um, mas é muitos. E assim ele é porque o outro, que legitimamente assim é, já se tornou intangível; nada além de uma “preciosa memória a ser esquecida”.

CONCLUSÃO

No presente ensaio busquei analisar o poema Quando for preciso do poeta pernambucano Matheus Fernando Gomes de Azevedo. O estudo averiguou uma complexidade estilística contida no poema, bem como uma reflexão profunda acerca da condição do sujeito pós-moderno em face à transição do tempo.

À título de conclusão, evidencio que o esse estudo visou –por meio da análise– demonstrar que a arte produzida à margem do cânon possui complexidade e valor estilístico, devendo, portanto, ser analisada *per se*. Isso, destaque, serve de argumento à emergente necessidade de revisão do juízo de boa ou má literatura, uma vez que o montante literário produzido na contemporaneidade é de número significativo. Com efeito, isso nos leva à urgência de, enquanto *estudiosos* de literatura, *apreciadores* leigos ou artistas,



nos toca conhecer, sem preconceitos, a escrita de nossas pessoas autoras vivas. Afinal, como aponta o sábio adágio popular: “depois de morto, todo mundo é santo”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Matheus Fernando Gomes de. Coluna Transubstanciação da Paisagem Poética- Quando For Preciso. **Revista Ikebana**, set. 2023. Disponível em: [COLUNA TRANSUBSTANCIAÇÃO DA PAISAGEM POÉTICA- POR MATHENOVÊ | by Revista Ikebana | Sep, 2023 | Medium](#). Acesso em: 05 de out. 2023.

BACELAR OLIVEIRA, J. O Inconsciente Lacaniano. **Psicanálise & Barroco em Revista**, [S. l.], v. 10, n. 1, 2019. DOI: 10.9789/1679-9887.2012.v10i1.%p. Disponível em: <https://seer.unirio.br/psicanalise-barroco/article/view/8715>. Acesso em: 9 out. 2023.

BAKHTIN, Mikhail; VOLOCHINOV, Valentin N. A interação verbal. **Marxismo e filosofia da linguagem**, v. 2, p. 112, 2010.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral II**. 2ª edição. Campinas: Pontes Editores, 2006.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. Editora Cultrix, 1994.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Horizonte, 2017.

DALCASTAGNÈ, Regina. Um território contestado: literatura brasileira contemporânea e as novas vozes sociais. **Iberic@** 1, n. 2, p. 13-18, 2012. Disponível em: <https://hal.science/hal-04069742/>. Acesso em: 08 de out. 2023.

FREUD, Sigmund. **Escritos Sobre a Psicologia do Inconsciente**, vol. 3. Imago Editora, 2017.

KOCH, Ingedore Villaça. Cognição e processamento textual. **Revista da ANPOLL**, v. 1, n. 2, 1996. Disponível em:



<https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/239>. Acesso em: 08 de out. 2023.

LACAN, Jacques. **A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud**. In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LIMA, Ariel Montes. Arte, Afetos e Transcendência na Pós-Modernidade: Algumas Considerações sobre a experiência subjetiva. **Revista Mirada**. 2023. Disponível em: [Arte, Afetos e Transcendência na Pós-Modernidade: Algumas considerações sobre a experiência subjetiva | Mirada \(miradajanela.com\)](#). acesso em: 08 de out. 2023.

OCKER, Ariel Von. **Sínteses: Entre o Poético e o Filosófico**. Belém: Worges Editoração, 2022.

ORTIZ, Renato. Anotações sobre o universal e a diversidade. **Revista Brasileira de educação**, v. 12, p. 7-16, 2007. Disponível em: [SciELO - Brasil - Anotações sobre o universal e a diversidade Anotações sobre o universal e a diversidade](#). Acesso em: 08 de out. 2023.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Tractatus Logico-Philosophicus**; Tradução, apresentação e estudo introdutório de Luiz Henrique Lopes dos Santos. 2ª edição (bilíngüe) revista e ampliada. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.